

LINGUASAGEM

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E MULTILETRAMENTOS: ENCONTROS EM SALA DE AULA COMIC BOOKS AND MULTILITERACY: MEETINGS IN THE CLASSROOM

Monique de Almeida Neves RODRIGUES¹

Marina Célia MENDONÇA²

Resumo

Este artigo tem como objetivo investigar o momento da entrada das Histórias em Quadrinho na escola brasileira, bem como refletir de que maneira as teorias de letramentos e multiletramentos exercem um importante papel nesse processo. Para tanto, desenvolvemos reflexões acerca dessas teorias quanto a seu desenvolvimento no Brasil, remontando à década de 1980, na qual a ideia do uso das práticas de leitura e escrita se mostrava central para a concepção do ensino e aprendizagem de língua no país. Traçamos aqui um breve histórico do desenvolvimento das Histórias em Quadrinho em solo brasileiro, observando de que maneira os discursos pedagógicos se apoderam da linguagem dos quadrinhos e, assim, facilitam sua entrada em sala de aula. Observamos, ainda, de que forma as HQs se adaptaram às novas tecnologias (TDICs) e constituem, até hoje, textos multimodais de fácil acesso a professores e alunos ao redor do país, possibilitando uma vasta gama de atividades que podem ser desenvolvidas com base nas mesmas. FAPESP (#2017/25974-9).

Palavras-chave: Histórias em quadrinho; multiletramentos; multimodalidade; gênero do discurso.

Abstract

This article aims to investigate the moment at which Comic Books have gained access to schools, as well as to reflect upon the way in which literacy and multiliteracy theories play an important role in this process. Aiming to accomplish that, this work brings considerations about these theories pertaining their development in Brazil, which remounts to the 1980's decade, when the notion of usage of reading/writing practices were central to the conception of teaching/learning languages in the country. A brief

¹ Mestra em Linguística e Doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa. E-mail: nique.rod@gmail.com.

² Professora Doutora do departamento de Linguística da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (FCLAr/ UNESP). E-mail: marinamendonca@fclar.unesp.br.

retrospective of the development of Comic Books in Brazilian soil was also devised, with special attention to the moment when pedagogical discourses seized the language of comics and, by doing so, made their entrance to schools easier. It has also been observed in what way comic books have adapted to new technologies (TDICs) and constitute, up to the present day, multimodal texts easily accessible to teachers and students around the country, offering a vast array of activities that could be developed based upon them. FAPESP (#2017/25974-9)

Key-words: Comic books; multiliteracy; multimodality; genres of discourse.

Introdução

O ambiente escolar brasileiro representa, hoje, a pluralidade em suas diversas formas. Pluralidade cultural, pedagógica, acadêmica. Observa-se, nos documentos oficiais nacionais direcionados à educação e em materiais didáticos aprovados pelo Plano Nacional do Livro Didático, a valorização das diferenças como parte de uma abordagem inclusiva, acolhedora, na qual a soma de elementos distintos deveria constituir a própria riqueza da sala de aula. Nesse ínterim, além dos diferentes contextos e repertórios vividos e trazidos por cada aluno, encontramos também a reunião de diferentes linguagens e gêneros de discurso, embora não sejam abordados e valorizados em todas as instituições escolares.

Há, já há alguns anos, um movimento pedagógico que visa precisamente chamar atenção para essa multiplicidade de gêneros e semioses que, de uma forma ou de outra, já faz parte do mundo do aluno, oferecendo ferramentas que permitam ao professor trabalhá-la em sala de aula (ou usá-la como instrumento para o trabalho com a linguagem em uso).

Nosso objetivo aqui é refletir sobre o gênero discursivo história em quadrinhos em sua entrada no contexto escolar. Embora exerça forte apelo a um público jovem, apenas nas últimas duas décadas alcançou as bibliotecas escolares e entrou timidamente nas salas de aula. Fazemos, neste artigo, reflexões sobre a história das HQ's no Brasil, enfocando sua inserção em contexto escolar; além disso, dentro de uma perspectiva bakhtiniana e aproveitando discussões produzidas por estudiosos de multiletramentos, apontamos a pertinência de as histórias em quadrinhos fazerem parte de atividades de ensino/aprendizagem.

Apontamentos sobre letramentos e multiletramentos

A proposta de que o ensino/aprendizagem de língua, no Brasil, seja centrado no *uso* que integra atividades de leitura/escuta e produção escrita/oral não é recente – podemos dizer que ela remonta ao início da década de 1980 e é fruto de desenvolvimento da Linguística e de reflexões sobre práticas de leitura.

A obra *O texto na sala de aula*, organizada por Geraldi em 1984, é exemplar nesse processo; inclui, entre seus capítulos: proposta do organizador para o ensino de língua materna centrado na leitura/escuta, na produção escrita/oral e na análise linguística; discussão sobre leitura de textos literários e de outras esferas em sala de aula; discussão sobre a artificialidade da escrita em sala de aula; apresentação da problemática da variação linguística e dos aspectos políticos das gramáticas. Essa publicação reúne capítulos redigidos por vários acadêmicos³ e já aponta caminhos na direção dos estudos que hoje se filiam aos Novos Estudos do Letramento e aos Multiletramentos, haja vista que, com a contribuição de áreas então emergentes da Linguística (entre elas a Análise do Discurso, a Sociolinguística e a Teoria da Enunciação), concebe leitura/escuta e escrita/produção oral como um processo integrado e entende a linguagem como um espaço de constituição de subjetividades e de atuação política.

[...] o texto será o primeiro passo para o exercício de produção dos alunos. [...] Com os textos curtos, o professor poderá exercer sua função de ruptura no processo de compreensão da realidade. Assim, as temáticas de tais textos, obedecendo a interesses dos alunos, devem servir também ao professor que, através deles, pode romper com a forma pela qual os alunos interpretam a realidade. (GERALDI, 1984, p. 54)

Ademais, já apresenta a proposta de se trabalhar o uso da linguagem a partir de gêneros discursivos variados e relacionados ao cotidiano dos alunos – assim, mesmo que não apareça na obra a noção de multiletramentos e que os gêneros sugeridos sejam predominantemente verbais, apresenta-se proposta de trabalho com gêneros orais (relatos orais, debates, “jornais falados”, entrevistas orais). Dessa forma, já nas propostas e discussões desenvolvidas nessa coletânea, o foco do trabalho com linguagem na escola é o texto, em seu uso cotidiano, ou seja, a partir de gêneros do

³ Escrevem na coletânea, além de João Wanderley Geraldi, os seguintes autores: Carlos Alberto Faraco, Ester Gebara, Jonas de Araújo Romualdo, Lilian Lopes Martin da Silva, Maria Nilma Goes da Fonseca, Milton José de Almeida, Percival Leme Brito, Sírio Possenti, Tânia Maria Alkmin

discurso. Isso mostra o terreno em que se desenvolverá, a partir da década de 1980 no Brasil, a noção de *letramentos*.

Magda Soares é autora brasileira que pode ser considerada uma das precursoras dos estudos sobre letramentos no país, apresentando publicações com essa temática já na década de 1980 (SOARES, 1985). À época, seu trabalho já se aproxima do que Street (1984) denomina “letramento ideológico”: a autora entende a escrita como atividade situada, social e culturalmente constituída; aponta para um projeto político de educação inclusiva e democrática, que é recorrente em várias publicações e propostas de ensino/aprendizagem de seus pares no Brasil na década em questão.

Em artigo da década de 1990, ainda não havia se estabilizado o conceito de *letramento* nos estudos linguísticos brasileiros. Soares propõe que se traduza a noção de “literacy”, presente em estudos em língua inglesa, por *alfabetismo*, entendido como “um conceito complexo, pois engloba um amplo leque de conhecimentos, habilidades, técnicas, valores, usos sociais, funções, e varia histórica e espacialmente” (SOARES, 1995, p. 7) – veja-se que o conceito é mais amplo que *alfabetização*. Kleiman (1999), por outro lado, adota o termo *letramento*, justificando seu uso para distinguir esse conceito do de *alfabetização*.

Apesar dessa instabilidade terminológica, nos PCN para Ensino Fundamental I, obra publicada em 1997, aparece o termo *letramento*, definido em nota de rodapé:

Letramento, aqui, é entendido como produto da participação em práticas sociais que usam a escrita como sistema simbólico e tecnologia. São práticas discursivas que precisam da escrita para torná-las significativas, ainda que às vezes não envolvam as atividades específicas de ler ou escrever. Dessa concepção decorre o entendimento de que, nas sociedades urbanas modernas, não existe grau zero de letramento, pois nelas é impossível não participar, de alguma forma, de algumas dessas práticas. (BRASIL, 1997, p. 21)

Soares (1995) defende que o *alfabetismo* (ou seja, o *letramento*) tem duas dimensões, a *individual* e a *social*. Nessa segunda dimensão, o *alfabetismo* é concebido como prática social situada que se divide, por sua vez, em duas tendências: uma “fraca” (trata-se de um alfabetismo funcional, adaptado ao modelo sócio-econômico liberal); outra “forte” (alfabetismo ideológico). Nesta segunda tendência

[...] as habilidades de leitura e escrita não são vistas como “neutras”, habilidades a serem usadas em práticas sociais, quando necessário, mas são vistas como um conjunto de práticas socialmente construídas envolvendo o ler e o escrever, configuradas por processos sociais mais amplos, e responsáveis por reforçar *ou* questionar valores, tradições,

padrões de poder presentes no contexto social. (SOARES, 1995, p. 35)

Kleiman (1999) entende que, no modelo ideológico de letramento, “as práticas de letramento, no plural, são social e culturalmente determinadas, e, como tal, os significados específicos que a escrita assume para o grupo social dependem dos contextos e instituições em que ela foi adquirida” (p. 21).

Esses estudos, no Brasil, reforçam trabalhos de Street (2006 – original de 1994), para quem “*as práticas de letramento são constitutivas da identidade e da personalidade (personhood)*”. Eles se inserem nos Novos Estudos do Letramento, que promoveram uma “virada social” nos estudos sobre a escrita, propondo o deslocamento de seu enfoque dos aspectos cognitivos dos sujeitos (letramento autônomo) para os aspectos sócio-culturais e ideológicos (letramento ideológico).

Passemos agora aos estudos desenvolvidos no interior dos multiletramentos, que, conforme Beviláqua (2013), “emergiram no seio dos Novos Estudos do Letramento, compartilhando, com este, o novo foco no social.” (p. 111) Neste artigo, apesar das divergências que poderiam ser apontadas nas duas correntes em pauta, interessam-nos seus aspectos convergentes, em especial seu olhar para a linguagem como prática social e espaço de manifestação de pluralidade sócio-cultural.

Para entender melhor a pedagogia dos multiletramentos, convém entendermos quando surgiu o termo. Rojo (2012, p.11) explica que os primeiros a defenderem essa ideia foram os integrantes do Grupo de Nova Londres – GNL – com a publicação de um manifesto intitulado *A Pedagogy of Multiliteracies – Designing Social Futures*. Segundo a autora, esse manifesto expressava um entendimento de que as escolas precisavam, com urgência, incluir em seus currículos estratégias que dessem conta de dois aspectos importantes que pareciam estar sendo ignorados.

Primeiramente, seria preciso considerar os novos letramentos necessários à sociedade contemporânea da época (no ano de 1996), quando o uso do computador e da internet começava a crescer em larga escala dentro das residências. As TDIC's (Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação) começavam a traçar mudanças profundas em nossa sociedade, mudanças estas que foram aceleradas desde então e continuam a moldar e reconfigurar nossas vidas nos dias atuais. Em segundo lugar, o manifesto pedia pela inclusão da pluralidade de culturas já existente entre os alunos, que apenas se intensificava com o advento do acesso à internet. A abordagem de questões

sociais em sala de aula contribuiria, segundo o grupo, para uma diminuição de conflitos e violência fora dela.

O termo *multiletramentos* englobaria, portanto, segundo Rojo (2012, p.13) essas duas facetas da sociedade: a multimodalidade dos textos com os quais os alunos tinham e têm contato (fossem esses textos mediados ou não pelas novas TDICs), e a multiculturalidade de uma sociedade em plena ebulição cultural, alavancada pela globalização acelerada.

Rojo chama nossa atenção para o fato de que, quando se fala em cultura, ou culturas, já não podemos entender que haja na sociedade pares opostos como culto/inculto, ou cultura erudita/cultura popular. Essa ideia dicotômica há muito não se aplica, pois vivemos em uma sociedade onde cada grupo ou indivíduo monta sua própria “coleção cultural”, selecionando e criando elementos culturais com os quais se identificam, de uma maneira muito mais fluída e misturada do que se costumava pensar. Ela aponta que “Vivemos, já pelo menos desde o início do século XX (senão desde sempre), em sociedades de **híbridos impuros, fronteiriços.**” (ROJO, 2012, p.14, *grifo da autora*).

A autora defende ainda que, para que essa descentralização do que é canônico seja compreendida e trabalhada em sala de aula, é preciso que haja também uma nova ética e uma nova estética. A última seria fruto dos diversos textos multimodais que inundam os universos culturais atuais, e a primeira seria necessária para lidar com as novas questões resultantes das mudanças nos modos de produção, circulação e recepção desses textos.

Textos multimodais, de fato, são cada vez mais abundantes ao nosso redor, seja nos meios de comunicação tidos como mais tradicionais, como a televisão, ou nos *smartphones*. Essa multiplicidade de linguagens, de semioses, cria efeitos de sentido que parecem ultrapassar a simples soma das linguagens empregadas, e parecem também exigir do leitor uma capacidade de compreensão que vai além de entender cada linguagem separadamente. Para apreender os sentidos de textos multimodais, é preciso ser capaz de concatenar uma produção exponencial de sentidos formados pelas múltiplas linguagens mobilizadas. A esse respeito, Lemke aponta:

O que realmente precisamos ensinar, e compreender antes de poder ensinar, é como vários letramentos e tradições culturais combinam essas modalidades semióticas diferentes para construir significados que são mais do que a soma do que cada parte poderia significar separadamente. Tenho chamado isto de “significado multiplicador”

(Lemke, 1994a; 1998) porque as opções de significados de cada mídia multiplicam-se entre si em uma explosão combinatória; em multimídia, as possibilidades de significação não são meramente aditivas. (LEMKE, 2010, apud ROJO, 2012, p.20)

Essa combinação de semioses, entretanto, não está necessariamente ligada às novas TDICs, embora se manifestem com mais complexidade nas mesmas. Podem aparecer também em suportes mais tradicionais como livros, revistas e na televisão. As histórias em quadrinhos são um exemplo de textos multimodais que circulam na sociedade desde o início do século XX, mas que só passaram a receber atenção nas escolas perto do final daquele século. Com as novas TDICs, as HQs também passaram por modificações, por um alargamento de suas possibilidades, mas ainda circulam majoritariamente impressas.

Enfim, é preciso destacar que tanto os Novos Estudos do Letramento quanto a Pedagogia dos Multiletramentos contribuem com a tendência educacional brasileira pós-ditadura militar: colocar foco nas práticas de linguagem situadas, realizadas por meio de textos/discursos que, por sua vez, se materializam em gêneros do discurso multimodais; dar voz aos sujeitos-alunos, por meio da prática de linguagem em atividade dialógica e que remeta à realidade social, política e cotidiana vivida pelos alunos – a relação do eu com o outro é base, nessa tendência, para a construção de atitudes pautadas nos valores democráticos.

Destacamos ainda aqui que a noção de linguagem e, especialmente, a de gêneros do discurso do Círculo de Bakhtin também influenciaram as relações de ensino no país. Essa relação, entre multiletramentos e o conceito de gêneros do discurso segundo o Círculo, especialmente no que se refere a sua influência no uso dos gêneros discursivos para as questões de ensino, mostra-se importante nesse contexto e aponta para a necessidade de se desenvolver estudos a esse respeito. Entretanto, não sendo este o objetivo deste artigo, não nos aprofundaremos nessa questão.

Assim, está configurado o terreno para o trabalho com as HQ's em contexto escolar – gênero multimodal ligado às práticas cotidianas de uso da língua. Mas seu processo de entrada e circulação nas relações de ensino merece um olhar mais acurado – faremos, na seção a seguir, uma sumária exposição dessa emergência do gênero no Brasil e sua apropriação pela escola.

A Nona Arte no Brasil e sua entrada nas escolas

A história dos quadrinhos no Brasil ocorreu de forma peculiar por diversos aspectos sociais, culturais e políticos que distinguem o país de nações europeias e norte-americanas. Entretanto, apresentou também, de certa forma, características semelhantes ao que ocorreu em outros países, no que se refere especialmente à estigmatização dessa arte frente a outros tipos de leitura e entretenimento. Sendo as HQs um gênero do discurso voltado predominantemente a um público mais jovem – ao menos no início de sua circulação e comercialização no país – os quadrinhos chegaram a ser vistos por parte de pais e educadores como um empecilho para a educação desse público, pois acreditava-se que poderiam atrasar ou mesmo impedir que este tivesse contato ou gosto por leituras consideradas superiores.

O início dos quadrinhos no Brasil remonta ao início do século XIX, quando apareceram nos jornais os primeiros desenhos humorísticos que podem ser considerados os precursores dos quadrinhos originais brasileiros. Naquela época, segundo Waldomiro Vergueiro (2017), esses primeiros desenhos tinham cunho predominantemente crítico e político, e por esse motivo muitas vezes optava-se por esconder a identidade do verdadeiro autor. Não seria exagerado dizer que essas produções abriram caminho para as histórias em quadrinho no país.

O primeiro quadrinista do Brasil, ou talvez o precursor dos quadrinistas no país, foi, segundo Vergueiro, Angelo Agostini, nascido em 1834 na Itália e falecido em 1910 no Rio de Janeiro. O artista ítalo-brasileiro também se dedicou às charges durante parte de sua carreira, mas posteriormente criou as primeiras produções de *arte sequencial* brasileira de que se sabe. Apesar de ainda não terem todas as características que associamos atualmente aos quadrinhos – como, por exemplo, os balões – suas obras já apresentavam personagens fixos, uma narrativa e um design gráfico próximos das HQs atuais, distanciando-as um pouco mais das charges vistas até então.

No início de século XX, muitos projetos e revistas começam a aparecer em solo nacional, como a revista O Tico-Tico, a primeira revista de Histórias em Quadrinho a surgir no Brasil (embora não trouxesse *exclusivamente* quadrinhos) cujo logotipo foi concebido e desenhado por Agostini. Nenhuma retrospectiva da história dos quadrinhos no Brasil estaria completa sem menção de destaque ao Suplemente Juvenil – inicialmente batizado de Suplemento Infantil – criado em 1934 por Adolfo Aizen, jornalista brasileiro que trouxe dos Estados Unidos o modelo dos suplementos vistos por lá, com histórias em quadrinhos frequentes e coloridas. Inicialmente atrelado ao

jornal, A Nação, o Suplemento Juvenil logo ganhou sua independência, contando com a participação de artistas locais desde sua primeira publicação.

Como costuma ocorrer, outros jornais viram na publicação de histórias em quadrinhos no formato tabloide uma boa oportunidade de vendas, e logo outros projetos voltados para esse seguimento surgiram, como o Globo Juvenil, do jornal O Globo. Tentando acirrar a concorrência, O Suplemento Juvenil optou por lançar também uma nova publicação de tamanho menor, intitulada Mirim. Também nisso foi espelhado pelo O Globo, que não tardou a lançar a sua própria revistinha, de nome Gibi. É justamente daí, segundo Vergueiro (2017), que surgiu o nome utilizado até hoje para designar, de modo geral, qualquer revista de histórias em quadrinhos, embora muitos considerem o termo pejorativo e diminutivo do grande gênero das HQs, cujo público não se resume somente às crianças.

Em 1945, O Suplemento Juvenil fechava suas portas, após perder grande parte dos direitos de publicação de seus personagens mais importantes para O Globo Juvenil. Após a descontinuação do Suplemento Juvenil, Adolfo Aizen, seu fundador, optou por continuar a investir no mundo dos quadrinhos no país por meio da abertura de sua própria editora: a Editora Brasil-América Ltda, que ficou conhecida como EBAL. Já no início de seus trabalhos, em 1946, a editora passou a publicar periodicamente histórias com personagens de Walt Disney, uma importante adição a seu catálogo ainda pequeno. De fato, foi a EBAL uma das grandes responsáveis, segundo Vergueiro (2017), pela popularização de personagens norte-americanos no mercado brasileiro, não apenas personagens Disney, como heróis da Marvel Comics e da National/DC Comics, que até hoje são considerados os gigantes das histórias em quadrinhos.

Entretanto, os interesses de Aizen não se resumiam apenas à importação de personagens internacionais. Pelo contrário, ele reconhecia e investia na produção de quadrinhos também brasileiros:

Adolfo Aizen, o diretor da empresa, era um empreendedor muito ativo e verdadeiro entusiasta dos quadrinhos, sempre preocupado com a aceitação dessa linguagem narrativa pelo povo brasileiro, principalmente pelos pais e professores, que, em sua opinião, representavam o público a ser cortejado e cativado em favor dos quadrinhos. Durante os mais de trinta anos de publicação profissional de sua empresa, ele se notabilizou por várias iniciativas que visavam ampliar a popularização das histórias em quadrinhos no País e, também, granjear apoio para a criação de personagens ou séries de quadrinhos genuinamente brasileiros. (VERGUEIRO, 2017, p.56)

Tentativas de convencer pais e professores sobre a importância e riqueza dos quadrinhos podem ser reconhecidas em algumas séries especiais da editora, como a Clássicos Ilustrados, adaptações de obras literárias para os quadrinhos, já nas décadas de 1950 e 1960 – dentre elas, *O Guarani*; *Iracema*; *Gabriela, cravo e canela*; *Memórias de um Sargento de Milícias*, dentre outras.



Figura 1 - O Guarani, Clássicos Ilustrados nº24⁴.

Outra série de destaque da editora, também no intuito de consolidar a reputação e valorização dos quadrinhos como potencial ferramenta pedagógica, foi a Grandes Figuras em Quadrinhos, que trazia personagens históricos brasileiros em suas páginas. As histórias, que eram espécies de biografias ilustradas, traziam como protagonistas personalidades como o presidente Getúlio Vargas, o poeta Castro Alves, o imperador Dom Pedro II, o escritor Monteiro Lobato, e outros.

⁴Fonte: <https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-783691707-edico-maravilhosa-n-24-o-guarani-ebal-1950- JM>

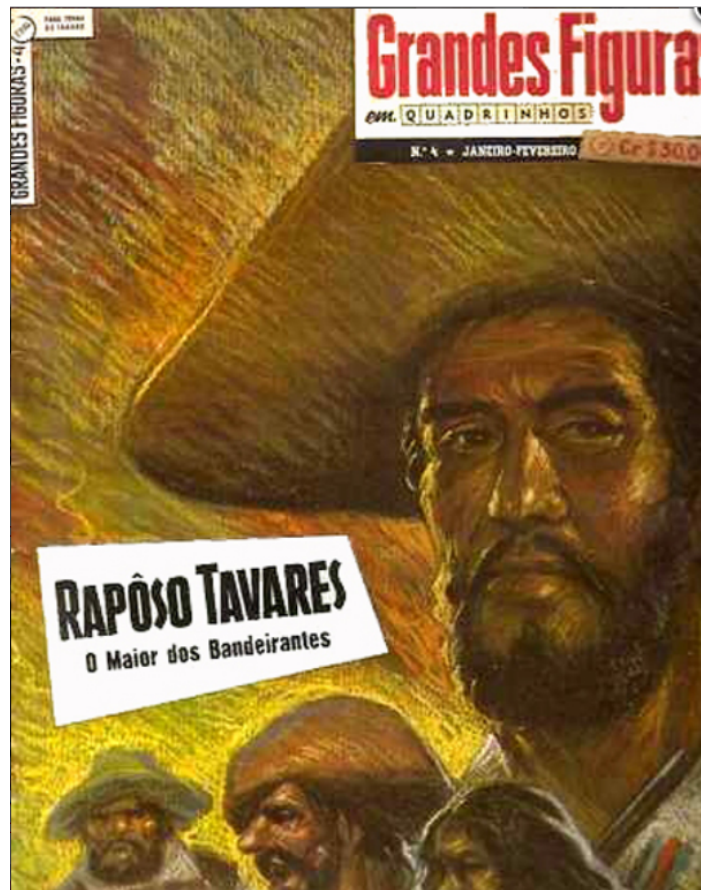


Figura 2 - Grandes Figuras, Raposo Tavares, EBAL – Janeiro, 1958⁵.

A estratégia de trazer as obras literárias para os quadrinhos como forma de diminuir um certo preconceito que parecia existir contra esse tipo de publicação era reforçada, segundo Chinen, Ramos & Vergueiro (2014), por um aviso impresso ao final de cada uma das revistas com adaptações literárias. Lia-se:

As adaptações de romances ou obras clássicas para a *Edição Maravilhosa e Álbum Gigante* são apenas um “aperitivo” para o leitor. Se você gostou, procure ler o próprio livro, adquirindo-o em qualquer livraria. E organize a sua biblioteca – que uma boa biblioteca é sinal de cultura e bom gosto. (EDIÇÃO MARAVILHOSA, n.138, p.50, 1956 apud CHINEN, RAMOS & VERGUEIRO, 2014, p.19)

Desta forma, Aizen buscava não se contrapor à leitura dos clássicos. As quadrinizações dos romances não estavam sendo oferecidas como substitutas à leitura dos mesmos, mas sim como uma porta de entrada para eles. O lembrete funcionava, de certa forma, como um indicativo de que os quadrinhos poderiam ser *aliados* de pais e

⁵ Fonte: www.guiaebal.com

professores no fomento do interesse à leitura por parte dos jovens brasileiros. Podemos reconhecer aí um dos primeiros movimentos no sentido de tentar eliminar, ou ao menos minimizar, o hiato entre o mundo dos quadrinhos e aquele do cânone literário trabalhado nas escolas.

Outras editoras também se dedicaram, nas décadas de 1950 e 1960, à publicação de séries quadrinizadas dos clássicos da literatura e de momentos históricos brasileiros. É o caso da série Aventuras Heróicas, publicada pela Editora La Selva, em São Paulo, que adaptou romances de Eça de Queiroz, Bernardos Guimarães, e trouxe ainda uma versão ilustrada da vida de Zumbi dos Palmares. Dentre outras publicações que se dedicaram a esse tipo de adaptação, podemos citar, ainda, a Revista Ilustrada, publicada no Rio de Janeiro pela ERSOL (Editora de Revistas Sociais Ltda.), e a Literatura em Desfile, também publicada no Rio, pela Editora Garimar. Esta última não se limitou a adaptações de obras de língua portuguesa, tendo em seu curto catálogo adaptações da literatura universal, como *O Médico e o Monstro*. (CHINEN, RAMOS & VERGUEIRO, 2014)

Após esse período, o mercado de adaptações literárias para os quadrinhos sofreu um temporário esgotamento, embora algumas publicações tenham existido nos anos de 1970 e 1980. Uma retomada dessas publicações, entretanto, pode ser vista nas décadas de 1990 e, principalmente, nos anos 2000, inclusive com trabalhos que visam manter o texto literário o mais original possível, como é o caso da obra de Ruy Trindade, publicada em 1995, uma adaptação de *Capitães de Areia*, de Jorge Amado.

Quadrinhos e multiletramentos: apreensão de sentidos em um mundo verbo-visual

Com o passar das décadas, conforme os quadrinhos foram se consolidando cada vez mais no cenário nacional e internacional, alguns estereótipos inicialmente construídos em torno desse tipo de publicação foram sendo enfraquecidos. Seja pelas ações diretas no intuito de valorizar as HQ's como produções artísticas e ferramentas pedagógicas em potencial – como visto anteriormente – ou pelo fato de as ciências humanas passarem a se ocupar de objetos de pesquisa mais diversos, as histórias em quadrinhos foram, aos poucos, estabelecendo seu espaço na indústria do entretenimento e da cultura nacional, com muitos autores hoje reconhecidos e celebrados por suas produções.

De certa maneira, entendeu-se que grande parte da resistência que existia em relação a elas, principalmente por parte de pais e educadores, era desprovida de fundamento, sustentada muito mais em afirmações preconceituosas em relação a um meio sobre o qual, na realidade, se tinha muito pouco conhecimento. A partir daí, ficou mais fácil para as histórias em quadrinhos, tal como aconteceu com a literatura policial e a ficção científica, serem encaradas em sua especificidade narrativa, analisadas sob uma ótica própria e mais positiva. Isto também, é claro, favoreceu a aproximação das histórias em quadrinhos das práticas pedagógicas. (VERGUEIRO, 2014, p.19)

Outro fator que influenciou a entrada definitiva dos quadrinhos na escola, tanto nos livros didáticos como nos acervos das bibliotecas escolares, foi o aparecimento desse gênero discursivo em documentos oficiais relacionados à educação brasileira, tais como os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais). A primeira vez que as HQs foram contempladas nesses documentos foi na década de 1990, com a publicação dos PCN de 1997. Nesse documento, mais especificamente no caderno que trata do ensino de Língua Portuguesa, há algumas menções aos quadrinhos, estimulando sua leitura, produção em sala de aula, e sua presença nas bibliotecas. Vejamos, a seguir, alguns desses trechos (BRASIL, 1997, p. 37/61/72):

Os conteúdos dos temas transversais [...] podem contextualizar significativamente a aprendizagem da língua, fazendo com que o trabalho dos alunos reverta em produções de interesse do convívio escolar e da comunidade. Há inúmeras situações possíveis: produção e distribuição de livros, jornais ou **quadrinhos**, veiculando informações sobre os temas estudados [...]

Na biblioteca escolar é necessário que sejam colocados à disposição dos alunos textos dos mais variados gêneros, respeitados os seus portadores: livros de contos, romances, poesia, enciclopédias, dicionários, jornais, **revistas (infantis, em quadrinhos**, de palavras cruzadas e outros jogos), livros de consulta das diversas áreas do conhecimento, almanaques, revistas de literatura de cordel, textos gravados em áudio e em vídeo, entre outros. [...]

Gêneros adequados para o trabalho com a linguagem escrita:

- receitas, instruções de uso, listas;
- textos impressos em embalagens, rótulos, calendários;
 - cartas, bilhetes, postais, cartões (de aniversário, de Natal, etc.), convites, diários (pessoais, da classe, de viagem, etc.);
 - **quadrinhos**, textos de jornais, **revistas e suplementos infantis**: títulos, lides, notícias, classificados, etc.; (p.72)

A partir daí, seria esperado que se tornasse cada vez mais comum a presença dos quadrinhos no ambiente escolar, aparecendo tanto nos livros didáticos na forma de tirinhas, abordando os mais variados assuntos, como também sendo as HQ's estudadas enquanto gênero textual, com atividades de leitura, compreensão e produção. Uma das vantagens em se trabalhar os quadrinhos em sala de aula parece estar no fato de ser um gênero de relativo fácil acesso e baixo custo. Realizar projetos nos quais os alunos tenham que desenvolver suas próprias HQ's, por exemplo, não exige materiais que vão muito além de papel, lápis e canetas coloridas. Além disso, as bancas de jornal provêm um grande acervo de revistas em quadrinhos ainda hoje, além das tirinhas publicadas nos jornais que também constituem um acervo de baixo custo e fácil acesso.

Atualmente, na década de 2010, estamos presenciando uma nova onda de interesse pelas histórias em quadrinhos, alimentada diretamente pelos filmes de grande produção onde figuram os super-heróis e personagens populares das HQ's. Segundo artigo do Ministério da Cidadania:

Estimativa da Associação dos Cartunistas do Brasil (ACB) indica que o mercado de quadrinhos mobiliza cerca de 20 milhões de leitores por mês. “Só com as revistas de Mauricio de Souza, que detêm 80% do mercado infanto-juvenil, são 10 milhões de leitores”, exemplifica José Alberto Lovetro, presidente da ACB. Segundo Lovetro, os quadrinhos reforçam o vínculo entre cultura e educação: “As crianças querem se alfabetizar por causa dos quadrinhos, querem ler suas histórias. Conseguimos fazer com que elas se interessem pela leitura dos gibis e depois dos livros”. Além do estímulo à leitura, os quadrinhos dialogam com diversas outras linguagens culturais, como cinema e artes plásticas, trabalhando a transversalidade da arte. (BRASIL, 2018)

Tem-se, assim, uma rica oportunidade de trazer para a sala de aula os heróis e vilões que atraem multidões para os cinemas. Uma possibilidade, inclusive, seria um estudo, junto aos alunos, para explorar as semelhanças e diferenças das linguagens empregadas nas telas e nas páginas das revistas, com uma comparação dos dois gêneros discursivos.

Ao trabalhar com quadrinhos em sala de aula, seria interessante que o professor tivesse sempre em mente – e deixasse claro para os alunos – que se tratam de textos multimodais. As linguagens verbal e visual atuam, nas histórias, de maneira imbricada e inseparável. O leitor, ao mergulhar na narrativa, seja ela curta, como as tirinhas, ou mais longa, como uma revista inteira, deveria aprender a considerar essas duas dimensões como igualmente responsáveis pela criação de sentido do texto. Um painel pode,

eventualmente, trazer apenas uma imagem, mas logo virá outro que reincorpora o texto verbal, multiplicando os sentidos de forma exponencial. Trata-se de uma rica oportunidade para explorar enunciados verbo-visuais com os alunos, visto ser esse um tipo de texto tão abundante no cotidiano dos mesmos, e considerando também que as tirinhas são constantemente abordadas em provas de vestibulares e no ENEM:



A tirinha denota a postura assumida por seu produtor frente ao uso social da tecnologia para fins de interação e de informação. Tal posicionamento é expresso, de forma argumentativa, por meio de uma atitude

- A crítica, expressa pelas ironias.
- B resignada, expressa pelas enumerações.
- C indignada, expressa pelos discursos diretos.
- D agressiva, expressa pela contra-argumentação.
- E alienada, expressa pela negação da realidade.

Figura 3 - Questão do ENEM⁶.

Não há como deixar de pensar, também, no fácil acesso e interesse que grande parte dos jovens tem, atualmente, por conteúdos digitais. Talvez, virar as páginas de um gibi tenha se tornado menos interessante e atrativo para eles quando comparado ao deslizar de páginas que encontram em seus *tablets* e *smartphones*. Também nesse ponto os quadrinhos podem se inserir, constituindo uma ponte válida e estimulante entre as aulas e o mundo digital. Por se tratar de um gênero extremamente versátil, que se adapta a diferentes suportes – computador, jornais, revistas, livros – as HQ's não ficaram para trás quando os computadores passaram a ser parte cada vez mais presente da vida de seus leitores.

Nesse quesito, temos dois caminhos principais que as HQ's tomaram quando começaram a se desenvolver no meio digital. O primeiro foi chamado de “HQtrônicas” pelo pesquisador Edgar Franco, em uma abreviação de Histórias em Quadrinhos Eletrônicas. Franco (2013, p.15) explica que iniciou suas pesquisas na área na época em

⁶ Fonte: <http://educacao.globo.com/provas/enem-2013/questoes/131.html>.

que as HQ's eram disponibilizadas por meio de CD-ROMs, no final da década de 1990 e início dos anos 2000, e que adquiriam características próprias do ambiente digital: “animação, diagramação dinâmica, trilha sonora, efeitos de som, tela infinita, tridimensionalidade, narrativa multilinear e interatividade”. Dessa forma, já podemos vislumbrar a abertura de muitas novas possibilidades a serem trabalhadas em sala de aula, com a exploração de recursos digitais enquanto elementos das culturas e repertórios pessoais dos quais fala Rojo (2012).

A segunda forma de vida dos quadrinhos na era digital constitui o que se batizou de *webcomics*, populares até hoje e impulsionadas grandemente pela facilidade de compartilhamento provocada pelo advento das redes sociais. Aqui, não necessariamente temos elementos híbridos de animação nas histórias, mas sim quadrinhos que dependem do espaço digital e mais especificamente da internet para sua produção, circulação e recepção. A facilidade de se produzir e distribuir quadrinhos *online*, comparada às barreiras editoriais dos quadrinhos impressos, permitiu que se multiplicassem os autores independentes, que podem lucrar com publicidade em seus *sites* e *blogs*, bem como com financiamento coletivo advindo de seus fãs, por meio de sites como o Patreon. Pedro de Luna, comunicador, artista e pesquisador na área de quadrinhos, explica:

São três os principais motivos para o crescimento das *webcomics*. O primeiro, a interatividade. Ao postar algo na internet, o retorno é imediato. [...] Sem contar a realização de enquetes, concursos de nomes, personagens e finais para a história, entre outras tantas possibilidades. [...]

Em segundo lugar destaco a questão do espaço. Mesmo com a isenção de vários impostos, ainda é caro imprimir no Brasil. Sobretudo a quatro cores. E no mundo digital, não há limitação de cores, formato e páginas. [...]

O terceiro ponto é a questão da abrangência. Uma vez publicado na internet, acaba a barreira física das distâncias físicas. Não é mais necessário passar por intermediários, como distribuidoras, veículos ou pontos de venda. Qualquer pessoa no mundo pode ler a HQ, inclusive utilizando um tradutor *on-line* para compreender o que está escrito. E se gostar, com um clique é possível compartilhar o conteúdo. Mais viral que isso, impossível. (LUNA, 2013, p.56)

Assim, voltando a pensar nos quadrinhos em sala de aula, abre-se a possibilidade de acesso a um acervo virtualmente infinito de HQ's em seus formatos hibridizados ou mais tradicionais, mas agora em um suporte digital. É possível,

inclusive, incentivar os alunos a produzirem suas próprias *webcomics*, com a ajuda de *sites* que oferecem ferramentas voltadas especialmente para isso – é o caso do Pixton.

Vemos, portanto, que os quadrinhos oferecem uma vasta gama de possibilidades para pais, educadores e professores trabalharem leitura e produção de textos com crianças e jovens, no sentido de não apenas reconhecerem e explorarem os textos multimodais no papel – em suas dimensões verbo-visuais –, sabendo interpretá-los e mesmo produzi-los, como também fazerem uso das novas TDIC's nesse rico processo de aprendizagem.

Considerações finais

Conforme demonstrado, torna-se evidente que as Histórias em Quadrinho já são parte integrante do cenário cultural brasileiro, com largo desenvolvimento desde o final do século XIX até os dias atuais. Um gênero textual de tamanha versatilidade, pluralidade e riqueza, além do enorme apelo que exerce em um público mais jovem (embora não apenas nele), encontra solo fértil em sala de aula para as mais variadas atividades. Seja para trabalhá-lo enquanto gênero discursivo, seja para se utilizar dele como ponte para outros assuntos e questões, as tirinhas ou revistas de humor gráfico têm muito a oferecer em suas linguagens, suportes e sua elástica versatilidade. Quer a escola possa ou não oferecer a seus alunos acesso às novas TDIC's, ainda assim os quadrinhos podem ser utilizados, pois podem ser encontrados a custo muito baixo em sebos e bancas de jornal. Trata-se de um gênero que abre portas para (e cujo estudo em sala de aula se beneficia largamente de) o trabalho com a multimodalidade, e se bem utilizado, pode se tornar terreno comum entre alunos e professores no reconhecimento e troca mútua de seus acervos culturais pessoais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANGELO Agostini. *IN: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras*. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa203/angelo-agostini>. Acesso em: 16 de Jan. 2019. Verbete da Enciclopédia. ISBN: 978-85-7979-060-7
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 6. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2011

BEVILAQUA, R. Novos estudos do letramento e multiletramentos: divergências e confluências. **REVLET**, n.1, 2013. Disponível em: <http://www.revlet.com.br/artigos/175.pdf>. Acesso em: mai 2019.

BRAIT, B. A palavra mandioca do verbal ao verbo-visual. **BAKHTINIANA**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 142-160, 1º sem. 2009. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/3004>. Acesso em: 11 abr. 2017.

BRAIT, B. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **BAKHTINIANA**, São Paulo, 8 (2): 43-66, Jul./Dez. 2013.

BRAIT, B.; MELO, R. Enunciado, enunciado concreto, enunciação. *IN*: BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2014.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: primeiro e segundo ciclos do ensino fundamental**. Língua portuguesa. Brasília, Secretaria de Educação Fundamental, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Ministério da Cidadania. **Quadrinhos movimentam 20 milhões de leitores por mês**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://cultura.gov.br/quadrinhos-movimentam-20-milhoes-de-leitores-por-mes/>. Acesso em: maio 2019.

CHINEN, N.; RAMOS, P.; VERGUEIRO, W. Literatura de Quadrinhos no Brasil: uma área em expansão. *IN*: FIGUEIRA, D.; RAMOS, P.; VERGUEIRO, W; (orgs.). **Quadrinhos e literatura: diálogos possíveis**. São Paulo: Criativo, 2014.

FRANCO, E. Histórias em quadrinhos e hipermídia: as HQtrônicas chegam à sua terceira geração. *IN*: Luiz, L. (org.) **Os quadrinhos na era digital: HQtrônicas, webcomics e cultura participativa**. Nova Iguaçu, RJ: Marsupial Editora, 2013.

GERALDI, J. W. (Org.) **O texto na sala de aula: leitura & produção**. 2.ed. Cascavel: Assoeste, 1984.

KLEIMAN, A. (Org.) **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. 1ª. Reimpressão. Campinas: Mercado de Letras, 1999.

LUNA, P. HQs digitais e quadrinhos na internet. *IN*: Luiz, L. (org.) **Os quadrinhos na era digital: HQtrônicas, webcomics e cultura participativa**. Nova Iguaçu, RJ: Marsupial Editora, 2013.

ROJO, R. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. *IN*: ROJO, Roxane Helena Rodrigues; MOURA, Eduardo (orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012, p. 11-32.

SOARES, M. As muitas facetas da alfabetização. **Cadernos de Pesquisa**. Fundação Carlos Chagas, São Paulo, n. 52, fev. 1985.

SOARES, M. Língua escrita, sociedade e cultura: relações, dimensões e perspectivas. **Revista brasileira de educação**, n. 0, set.-nov. 1995.

STREET, B. **Literacy in theory and practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.

STREET, B. Perspectivas interculturais sobre o letramento. **Filologia e Linguística Portuguesa**, n. 8, p. 465-488, 2006.

VERGUEIRO, W. Uso das HQs no ensino. *IN*: RAMA, A. ; VERGUEIRO, W.; (orgs.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 4. ed., 2ª reimpressão. – São Paulo : Contexto, 2014.

VERGUEIRO, W. **Panorama das histórias em quadrinhos no Brasil** [recurso eletrônico] - São Paulo: Peirópolis, 2017.

VOLOCHINOV. V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora 34, 2017. (Tradução, Ensaio Introdutório, Glossário e Notas de S. V. C. Grillo e E. V. Américo). 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2017. v. 1. 371p